

PERCURSO PANORÂMICO ACERCA DA OBRA POÉTICA DE AMNERES: 1985-2014

OVERVIEW OF AMNERES' POETICAL WORK: 1985-2014

Olavo Barreto de Souzaⁱ

RESUMO: O presente texto tem por objetivo apresentar sumariamente a obra poética de Amneres, autora nascida no estado da Paraíba, com o intuito de contribuir para a constituição de sua fortuna crítica. A moção para o estudo refere-se à verificação de que existem poucos estudos que possam dar visibilidade à obra poética dessa autora estudada em outras situações de pesquisa. Intencionamos com esse texto proporcionar um material crítico – na modalidade de comentários analíticos dos livros publicados pela autora de 1985 até 2014 – que possa auxiliar outras pesquisas acerca da obra em investigação no período mencionado. Além das ponderações sobre os livros, apresentamos sumariamente os elementos paratextuais que funcionam como material crítico acerca das obras que eles acompanham.

Palavras-chave: Amneres. Obra poética. Literatura contemporânea. Poesia paraibana.

ABSTRACT: This paper aims to introduce briefly the poetical work of Amneres, female writer born in the Brazilian state of Parahyba, with the intent of contributing the constitution of her scholarly critique. The motivation for this study comes from the scenario where there are few studies that can give visibility to this author's poetical work in other research situations. We seek to provide with this paper a critique material – by an analytical commentaries approach of her published books from 1985 to 2014 – that can benefit other researches dedicated to the same mentioned time. Besides the considerations about the books, we present the paratextual elements that function as critique material to the work they follow up.

Keywords: Amneres. Poetical work. Contemporary literature. Parahyban poetry.

Submetido em: 10 nov. 2015

Aprovado em: 12 abr. 2018

ⁱ Doutorando em Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB, PPGL). E-mail: olavo.barreto@live.com.

1 PERFIL BIOGRÁFICO DE AMNERES

Nascida em João Pessoa-PB em 27 de novembro de 1959 e radicada em Brasília desde 1979, Amneres Santiago de Brito Pereira é jornalista e escritora. Academicamente, é formada em Comunicação Social e em Letras pela Universidade de Brasília (UnB) e mestra em Turismo, pela mesma instituição. Profissionalmente, atua na redação do jornal da Câmara dos Deputados. Possui uma publicação vasta de obras compreendendo a poesia, a novela e a crônica. Dentre seus livros de prosa estão *Pedro Pensiero* (novela, 1980) e *50 crônicas de Brasília* (2012). Como poetisa, possui publicados os livros: *EmQuatro*¹ (1985); *Humaníssima Trindade* (1993); *Rubi* (1997); *Razão do Poema* (2000); *Entre Elas* (2004); *Eva* (2007); *Diário da poesia em combustão* (2010); *Verbo e carne* (2014).

Após sua ida à Brasília, os demais títulos citados acima são desenvolvidos e publicados lá. Embora tenha nascido na Paraíba, sua visibilidade como poetisa se dá em Brasília. É neste local de morada no qual a autora terá vínculo com outros poetas que fazem parte do cenário citadino de produção literária. Este liame com outros pares literários é algo que se pode verificar na coletânea *EmQuatro*, publicada em 1985, bem como a integração da antologia *Diário da poesia em combustão*, de 2010, na coletânea *OiPoema* – um movimento de poetas brasilienses. Nas *50 crônicas de Brasília* a autora relata como sua paixão pela literatura, bem como pela música se desenvolveram no Distrito Federal. Contudo, é perceptível em alguns de seus escritos, sejam poemas ou crônicas, a menção poética ao seu estado de origem, é o caso, por exemplo, da crônica “XXXI”, do referido livro. Inclusive, este livro de crônicas sobre Brasília, traz muitos dados biográficos sobre a autora.

Uma outra fonte para verificação de dados bio-bibliográficos da autora é o blog <<https://poesiaemtemporeal-amneres.blogspot.com/>>, no qual existe uma periodicidade de publicações de poemas e outros textos de ordem literária.

2 CONJUNTO DA OBRA DE AMNERES

Tendo em vista a escassez de apresentações e estudos sobre a poesia da autora, propomos comentários analíticos sobre seus livros de poesia publicados de 1985 até 2014. Nesta listagem, não estão inclusos, por conta da nossa delimitação de gênero literário de

¹ Coletânea de poemas feita em parceria com três poetas brasilienses.

estudo, a novela *Pedro penseiro*, e o livro *50 crônicas de Brasília*. Os textos aqui apresentados buscam traçar um perfil geral de cada obra, muito embora, pela grande quantidade de poemas e temáticas, as ponderações apresentadas são sumárias. Assim, escolhemos alguns poemas representativos, bem como os escassos comentários sobre a obra da autora presentes em textos anexos aos livros, sejam orelhas, quartas-capa e prefácios, para traçar nossa apreciação da obra poética da autora.

2.1 EMQUATRO

Publicação datada de 1985, compõe uma antologia que reúne poemas dos autores Nevinho Alarcão, Rosiane Reis, Willian Santiago e Bilau Pereira. É importante destacar que este último nome refere-se a um pseudônimo assumido por Amneres na sua estreia como escritora. É com este mesmo título que ela assina sua novela *Pedro penseiro*. A parte que reúne os poemas da autora é composto de 21 textos.

Os vinte e um poemas se constituem de temáticas diferentes: desde a contemplação das festas juninas em “São João”, por um eu lírico apaixonado: “E sob o brilho de um carnaval de estrelas / Nos beijaremos / Como se naufragos / Na última tábua do amor.” (PEREIRA, 1985, p. 16). Ademais, temos, ainda, o enaltecimento das terras de origem da autora, em “Visões”: “Jardim-Paraíba! / Mar de angústia, / Porto dos sonhos, / Esperança, / Nordeste.” (PEREIRA, 1985, p. 25).

Neste livro que marca sua estreia na cena literária, Amneres já apresenta algumas imagens que marcam o seu estilo de poesia. Uma escrita que transmuta a experiência do desejo erótico em poesia, como em “Tédio”, no trecho:

[...]

Espero
Enquanto faço
Dessa paixão um mito
Dessa agonia um verso
Desse silêncio um grito.

[...]

(PEREIRA, 1985, p. 30).

A paixão, vivenciada empiricamente, pelo gênio criativo da poetisa, na configuração do poema supracitado, torna-se um mito, o campo do imaginário, da criação literária. Assim, de modo análogo, a “agonia”, torna-se o material para a verbalização da poesia, de maneira

que o “silêncio” da palavra no papel, torna-se a expressão máxima de comunicabilidade, o grito, que tenta chamar atenção para mensagem enunciada. O desejo, aludindo à experiência erótica, também pode ser verificado no poema “Como se fosse”, no trecho:

[...]

Gostaria... sim, preteritamente,
 Mas, enquanto isso, penetro ou a proximidade.
 Gostaria de te dizer da alegria de cultivar as coisas vãs,
 Ensinar-te a loucura, o vão desejo, o sonho insano, a insensatez, a lucidez do impulso
 E a vontade de tornar possível a impossibilidade,
 O quase,
 O se...

(PEREIRA, 1985, p. 19)

Neste poema, a tematização da experiência do gozo sexual é relatada, sobretudo, por uma visão batailleana². A tensão entre possibilidade/impossibilidade remete a essa experiência. A possibilidade do ser e a impossibilidade de transpassar as barreiras para a completude do sujeito. Encontramos um eu lírico versado no ensino do devaneio, um onirismo pautado na obscuridade humana, o “cultivo das coisas vãs”: loucura, impulso, desejo sem razões precedentes.

Os poemas desse teor permeiam parte das 21 composições. Mas, outras temáticas comparecem: a morte, “[...] A consciência da morte vem da consciência da vida [...]”, como em “Noite” (PEREIRA, 1985, p. 27), e em “Morte”, “[...] O corpo tombou / O coração aflito aventurou-se enfim ao doce vôo / E descansou”. (PEREIRA, 1985, p. 29); a experiência do escrever poesia, como em “Lema”, “Só um verso / Pra dizer do encanto / De irmanar poemas [...]” (PEREIRA, 1985, p. 11); dentre outras temáticas.

2.2 HUMANÍSSIMA TRINDADE

Em 1993 surge *Humaníssima Trindade*, seu primeiro livro individual de poemas, pois até então a autora só havia publicado em antologias. A trindade, da qual o título trata, refere-se as três partes que dividem o livro: “País”, “Percurso” e “Paixão”. Os poemas deste livro aludem à memória e a exaltação patriótica, denúncia social, a variedade de desejos, a existência humana, dentre outros. Diferente da novela *Pedro penseiro* e da antologia poética

² Trata-se da compreensão de “erotismo” assumida pelo filósofo francês Georges Bataille, aprofundada principalmente na sua obra *O erotismo* (BATAILLE, 2013).

EmQuatro, assinados por Bilau Pereira, a autora, desta vez, utiliza seu nome, Amneres Pereira.

A primeira parte do livro “País”, é composta por nove poemas que tratam, sobretudo, da memória da pátria. Ora esta pátria é um local, ora é um espaço suspenso no imaginário. Em “Pátria”, poema que abre o livro, percebemos a construção de um país poetizado como um local, mas, subjetivado pelas características que o eu lírico deseja através do pensar:

Penso no meu País como uma pétala.
 [...]
 Penso no meu País como uma flor.
 [...]
 Penso no meu País como uma brasa
 [...]
 Penso no meu País como um alarde.
 [...]
 Penso no meu País como uma fresta,
 penso no meu País como uma luz.

(PEREIRA, 1993, p. 13)

Nos versos selecionados, os quatro primeiros que correspondem a abertura das estrofes da qual eles emergiram, e os dois últimos, que encerram o poema, observamos dois movimentos: a nominalização de “País”, com inicial maiúscula, que indica a ideia de um local, e a adjetivação deste local que transpõe a localidade da pátria para o imaginário: a beleza e a simplicidade da pétala e da flor; o calor e a força da brasa e do alarde; a abertura de si e lucidez, pela fresta e luz.

A segunda parte do livro, intitulada, “Percurso”, composta de dez poemas, tematizam, sobretudo, o caminhar, a busca. O poema “Precipício”, relata esta busca pelo encontro de si, motivado pelo desejo, como trecho abaixo:

[...]

Não ignora
 Esse sutil desejo
 de ultrapassar-te,
 o incompreendido
 ainda és tu,
 além de ti,
 além da claridade,
 no convulsivo vale das sombras,
 berço da noite,
 ali é a tua sorte,
 é a eternidade,

é o fim dessa procura.
 Quem sabe é a tua morte,
 quem sabe, a cura!

(PEREIRA, 1993, p. 43).

O ultrapassar de si corrobora, segundo as indicações do eu lírico, no fim da procura que o ser se encontra. O mistério do ir além das fronteiras próximas, que podem trazer a morte ou a cura, mediante a busca pelo conhecimento da intimidade da alma, impulsionada pelo desejo de ultrapassar o precipício de si.

A última parte do livro, “Paixão”, composta por dez poemas, focaliza as paixões humanas, do erótico à maternidade. Em “Tocaia”, poema que abre a última parte do livro, o sentimento que eleva o eu lírico transmuta a dor e o amor como elementos predadores da experiência feminina:

Estanques
 eu e a noite nessa emboscada.
 Entre nós a vida,
 infinita estrada.
 Somos fadas,
 solidão e espelho.
 Entre nós a dor...
 Das mulheres nuas,
 uma na cama, outra na rua,
 pálidas presas do amor.

(PEREIRA, 1993, p. 61)

Em espaço contíguo com a noite, o eu lírico compartilha da mesma experiência de sentimentos. O eu, ocupando o espaço da cama, contrito pelo seu lugar definido; a noite, aberta para os diferentes espaços de existência, mas, ambos unidos pelo amor. Neste poema, este sentimento, é citado como um predador, que tem o eu lírico e a noite com presas, transmutadas, ambas, pelo corpo nu feminino.

Vale salientar que este é o primeiro livro da autora que possui um posicionamento crítico no âmbito da paratextualidade³. A apresentação do livro, feita por José Aparecido de Oliveira, ex-governador do Distrito Federal, resume a expressividade da autora traduzida naqueles poemas:

³ Segundo Gérard Genette, seria uma parte o fenômeno da textualidade que determina “[...] aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público.” (GENETTE apud ARAUJO, 2010, p. 1). Ou seja, “[...] os textos de acompanhamento de uma obra, os chamados paratextos, [...]: informações sobre o autor, notas da edição, glossário, bibliografia, prefácios, posfácios, notícias de apresentação, citações, referências existentes etc.” (CHEROBIN, 2011, p. 225).

Pode-se imaginar que essa foi sua preocupação, a da simplicidade, já que seus poemas não se esgotam em si mesmos, não são produto da arte pela arte, elaborados do alto de uma torre de marfim. Ao contrário, eles se constituem em veículos, em expressão de sua consciência social, pois aí reside, indiscutivelmente, a finalidade da obra, seu conteúdo. (OLIVEIRA, 1993, p. 5).

Como visto, na citação acima, bem como nos comentários tecidos aos poemas supracitados, a poesia da autora conjuga a experiência da criação literária, bem como a chamada “consciência social”, que pode ser traduzida na conjuntura de uma escrita que emerge do contato com o outro, o próximo.

2.3 RUBI

Em 1997 é publicado seu segundo livro de poemas, *Rubi*. A constituição do livro se dá com o número de 37 poemas. Dentre os seus primeiros livros, este é um dos poucos que possuem algum texto de teor crítico em espaço paratextual. Referimos, nesta informação, a orelha do livro escrita pelo poeta e crítico literário Anderson Braga Horta. Dentre as ponderações do autor, a poesia de Amneres subsiste na

[...] entrega, não a tecnicismos de superfície, mas ao que há de mais de mais entranhadamente humano em cada um de nós, como o amor erótico (uma constante), a família (ideia presente no poema de mesmo título, entre outros), o vínculo com a natureza (“Cachoeira”), o questionar-se filosófico-metafísico (“Razão”), o humor bem-aproveitado (“Lei Maior”) – em suma, o gravitar nessa órbita que me levou a qualificar tal poesia de apaixonada. (HORTA, 1997, s/p).

Esta poesia da entrega, para nós, embasando nas palavras do crítico, não é a exclusividade deste livro, mas de toda obra da autora. De modo significativo, o autor colocou na sua lista de adjetivações à poética de Amneres em *Rubi* o “amor erótico”, o classificando como uma constante. Diante da escassa fortuna crítica sobre a autora, Horta, possivelmente, é o primeiro autor a constatar a expressividade estética do erótico na autora em estudo.

Um dos aspectos relatados pelo crítico, se trata do ideal de uma poesia apaixonada. O poema “Lei maior”, de modo substancial, transmuta esse ideário de paixão que consome o eu lírico:

O amor é cláusula pétrea
da minha Constituição,
o artigo primeiro.

O ofício de amar
seu parágrafo único,
sem incisos, por inteiro.

O exercício do amor
é o artigo final.

Tudo o que não for isso
é inconstitucional.

(AMNERES, 1997, p. 83)

Neste poema, uma espécie de alusão à estrutura de uma lei, o amor é o parâmetro para um ideal de vida. Assim como a Carta Magna de um país, a Constituição, constrói uma imagem sobre ele, no poema, esta imagem subsiste na prática deste sentimento. A totalidade do ser recai sobre o amor. As escolhas lexicais como “parágrafo único”, “artigo”, “inciso” e “inconstitucional”, motivam a alusão do texto à lei, na especificidade da Constituição. Mas, podemos ler o poema, levando em consideração, que este termo, refere-se, também, ao próprio sujeito. Ou seja, o amor lhe constitui, sendo ele sua substância.

2.4 RAZÃO DO POEMA

No ano 2000, através de patrocínio do Banco do Brasil, em edição de luxo, é publicado *Razão do poema*. A estrutura da divisão do livro se propõe metapoética. Composto em quatro partes, as seções representam a estrutura que sustentam a obra da autora, nos termos deste livro. São as partes: “Identificação do poema”, “Razão do poema”, “Diálogo com o poema” e “Decodificação do poema”. No percurso apontado por estas partes que divisam a obra, podemos perceber um contato íntimo com o texto poético que vai desde sua identificação até um conhecimento mais amplo sobre sua identidade. Se identifica o poema para especular suas razões e manter um diálogo profícuo com o texto de maneira a decifrar seus modos de expressão. Cada uma dessas partes, citadas, referem-se a poemas homônimos que introduzem, cada um, a secção que lhe designa no livro.

O livro é prefaciado pelo poeta Ronaldo Cagiano. Neste texto, o autor afirma que a poesia de Amneres se constitui como um “[...] *leitmotiv*, aquela força sem a qual a trajetória humana não se completa, porque necessita de um *plus* especial, de uma motivação

espiritualmente restauradora e de apaziguamento interior” (CAGIANO, 2000, p. 4, grifos do autor). Nas palavras do crítico, a poesia da autora subjaz na experiência de inacabamento do ser humano, em que o ser vive em busca da completude de si. Uma observação, de certo modo, análoga à poesia de seu primeiro livro, *Humaníssima trindade*, principalmente na segunda parte, como exemplificamos acima com o poema “Precipício”. O autor enfatiza também que o modo de poetizar desta autora “[...] rejeita o reino surdo das palavras, vai buscar ressonância, matéria e substância no quotidiano, na entressafra de sonhos, nos (des)caminhos.”. Fazendo menção intertextual com o poema “Procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade, Cagiano (2000), reafirma, também, o que Oliveira (1993) ponderou na apresentação o primeiro livro da autora acerca de sua “consciência social” que vai além de uma poesia “arte pela arte”. Seguindo de forma adversa a metáfora drummondiana de uma penetração profunda “no reino das palavras”, a poesia de Amneres estaria, na opinião desses autores, marcada pelo engajamento, não se servindo de uma construção inócua de formas literárias. Engajamento este que revela, sobretudo, a consciência e os anseios do homem.

Assim, *Razão do poema* se firma: um livro que traz poemas de teor metalinguístico, de sensibilidade espiritual, e de experiências femininas, etc. Sobre este último aspecto é destacável o poema “Redondas”:

Felizes	Solenes
Como são felizes	Como são solenes
As mulheres gordas	As mulheres gordas
como riem roucas	Com seus timbres graves
Suas carnes fartas	Suas faces rubras
Suas bocas	Suas curvas
	[...]

(AMNERES, 2000, p. 20)

No texto, a eu lírico tece, em tom laudatório, as mulheres de sobrepeso. A forma visual do poema que alude à imagem da mulher deste biótipo. A associação que o eu lírico faz, de modo temático, associa-se ao estrato visual do texto em uma atitude de complementação do discurso, uma vez que a poesia visual, segundo Bacelar (2001), alia a mensagem poética com a experimentação da perspectiva ocular.

Os poemas de teor metapoéticos, como “Identificação do poema”, ilustram as concepções da matéria poética vislumbradas pela autora. No primeiro poema citado, encontramos uma definição de poesia que conjuga a arte à revelação divina:

Ouvi de ti
 Que o mundo não sou eu
 Poemas são Deus
 E em sonhos se revelam

[...]

(AMNERES, 2000, p. 12)

A criação poética, na abordagem do eu lírico, sobrevém do sonho, da imaginação. Esta criação, ao se configurar pelo elemento divinizador da poesia, “Deus”, sendo ela este ser, confere ao texto poético um caráter de transcendência, uma potência que o universaliza.

Além da gama de outros poemas com temáticas diferentes, a edição deste livro é ilustrada pela artista plástica Lavínea Goes. Cada poema recebeu, por esta artista, uma ilustração que é peculiar à temática nele desenvolvida.

2.5 ENTRE ELAS

Em 2004 vem a público *Entre elas*. Pelo próprio título do livro, o discurso poético desenvolvido nos textos nele presente sinaliza a vivência da mulher. Marcadamente, o eu lírico da maioria desses poemas se caracteriza gramatical e discursivamente como feminino. Muito embora, no livro, ocorram poemas de denúncia social como “Retrovisor”, além de metapoéticos, “Corpo infinito” que extrapolam essa marcação de gênero.

Entre os poemas que tratam da experiência feminina no livro, destacamos “Auto retrato”. O eu lírico, ao se contemplar, projeta uma adjetivação relativa. Suas características tornam-se circunstanciais, precipuamente, pela presença do termo “quase”:

Eu sempre andei assim
 quase absorta
 quase abstrata
 quase perdida

Eu sempre entristeci
 Quase obscura
 Quase culpada
 Quase escondida
 [...]

(AMNERES, 2004, p. 15)

A poesia de *Entre elas* caminha, também, sobre o olhar observador do mundo, de sua conjuntura individualista criticada por um eu-lírico que o questiona no poema “Retrovisor”:

Quem olhou de frente
o homem e seu câncer
na Rodoviária

Quem parou o trânsito
quem cruzou a ponte
quem o socorreu

Quem sentiu o pânico
crispar-lhe o semblante
quem se comoveu?
[...]

(AMNERES, 2004, p. 69)

Em tom questionador, o eu lírico revela-se como um denunciante de uma situação de fragilidade. Através do questionamento, tenta persuadir o leitor para o confronto com a dura realidade das misérias humanas, representada pelo “câncer”, muitas vezes indiferenciadas por um conformismo latente que reveste as relações humanas no mundo moderno.

Com a força que indaga o mundo neste poema, a autora utiliza o mesmo recurso em "Corpo Infinito" ao perguntar "Quem escreverá/ o último poema?" (AMNERES, 2004, p. 93). Uma reflexão sobre a existência do sujeito, no sentido carnal da morte, procurando investigar a fórmula da imortalidade da memória do homem, conferindo, também, um tom metapoético nesta abordagem. Neste livro ainda, a poetisa trabalha com a manifestação do soneto atribuída nos poemas "Bolero" e "Soneto". O primeiro se constitui de um eu lírico que se dirige a outrem oferecendo seus versos envoltos no abandono e nas ruínas do encanto. E o segundo, apontando advertências para o aproveitamento do amor antes que elementos como o tempo passado e esquecimento se instaurem.

Um aspecto a ser considerado na poética de Amneres é o trabalho com figurações visuais das mais diversas, como visto também no livro *Razão do poema*, ao qual exemplificamos acima. As figurações têm a ver com o ritmo do poema como em "Pêndulo" do livro *Entre elas*, em que cada verso corresponde ao movimento do objeto homônimo ao título do poema:

O corpo do homem é o corpo do amor
fogo que se move, febre
transe do desejo

o poema gozo
o poema beijo

O corpo do homem é o corpo da dor
sangue que encharca, faça
cátedra do medo
o poema corte
o poema êxodo.

(AMNERES, 2004, p. 63)

A orelha deste livro é assinada por Ronaldo Cagiano, o mesmo autor que prefacia *Razão do poema*. Nas ponderações do autor sobre esta obra de Amneres “[...] é um território de heterogêneas preocupações, e múltiplos questionamentos críticos e filosóficos”. Como observamos nos poemas acima, os questionamentos, bem como as preocupações estão expressas de modo a conferir a relevância de posicionamento do autor. “Retrovisor” e “Auto retrato” são exemplos expressos de uma “[...] poética provocativa [...] em que a autora traz à luz questões aparentemente insondáveis do espírito [...]” (CAGIANO, 2004, s/p).

2.6 EVA

Em edição bilíngue – português/espanhol –, no ano de 2007, vem a público o livro *Eva*. Dividido em duas partes “Poemas em/en verso” e “Poemas em/en prosa”, ambas traduzidas para o espanhol por Zélia Stein e Daniel Sanchez, o livro reúne uma seleção de trinta poemas na primeira parte e onze na segunda. A grande motivação para a autora realizar esta obra em edição bilíngue, refere-se a um modo de ampliar o conhecimento de sua arte nos países de língua hispânica próximos ao Brasil, como indica Arruda (2009, s/p): “A partir do lançamento de *Eva*, a escritora conta que sua ideia é ampliar o intercâmbio cultural e poético entre os países sul-americanos.”

Dentre os elementos paratextuais que adjetivam a obra da autora, encontramos a orelha do livro, produzida pelo poeta Nicolas Behr, e a quarta-capa, assinada por um dos tradutores do livro, Zélia Stein. Nas considerações de Behr, sobre *Eva* “tudo que cabe num rio cabe na poesia de amneres. tudo o que um rio leva e traz, fluxo e refluxo. a poesia de amneres é para sorver.”⁴ (BEHR, 2007, s/p). Confirmando as palavras deste autor, Stein assegura: “Como um rio, a poesia de Amneres frui e, fluindo, desvela.” (STEIN, 2007, s/p.). Esta metáfora do “rio” como elemento qualificador da poesia da autora, para nós, representa a associação da criação de Amneres pelos diferentes temas e modos de abordagem na sua

⁴ Mantemos a grafia original estabelecida pelo autor.

escrita. Desde a poesia convencional, representada, sobretudo, pelos sonetos – neste livro temos “Luz dos olhos meus”, “Soneto da Amizade”, “Ele e ela”, “A casa rosa”, e “O eu e o seu duplo”; bem como, a poemas visuais, “Libido”, “Sem”, “Seca”, “Outubro”, “Agosto” e outros. Além, também, da parte dedicada aos poemas em prosa. Essa diversidade, marca, a amplitude do “rio”, na designação dos autores.

Dentre os poemas selecionados da obra, indicamos dois, cada uma das secções que dividem o livro. “Pátria-língua”, poema da primeira parte, “Poemas em/en verso”, é um texto de teor metapoético. A pátria mãe do poeta é o próprio texto poético, um campo para a criatividade e a expressão dos desejos e sentimentos do ser:

Pátria-língua

Minha língua é o poema,
nela me expresso,
digo o indizível,
posso o impossível,
sou signo,
farol,
teorema.

Minha língua é sou,
nela traduzo
o que em mim fala
e o que em mim cala,
diz o que sonho,
a que vim,
aonde vou.

Minha língua é tropo,
Verbo em que me invento,
Pátria onde sofro
a ação das perdas,
das paixões
do tempo.

Minha língua é trama,
minha língua é cor,
pedra em que se insculpe
a palavra imã,
a palavra coma,
a palavra amor.

(AMNERES, 2007, p. 17)

Da segunda parte do livro, “Poemas em/en prosa”, selecionamos o poema “IV”. Vale salientar que sobre esta parte, todos os textos são numerados. Uns possuem título, outros não. O texto transcrito abaixo, não possui nomeação de entrada:

IV

Meu amor eterno, meu amor amado, meu amor amante. Nebuloso vale, meu
[amor mistério, miragem, mirante.
Meu amor nascente, meu amor, aragem, hálito, arrepio. Corrente de vento,
[meu amor voragem, correnteza, rio.
Meu amor torrente inundando prados, ilhas, continentes. Meu amor navio
[conquistando os mares e amores bravios.

(AMNERES, 2007, p. 109)

Como podemos observar no poema, o eu lírico adjetiva sob o tom da positividade as características do amor. É interessante apontar a menção à metáfora do “amor” como “rio”. De modo análogo, esta ponderação liga-se aos posicionamentos dos autores que produzem os paratextos deste livro. Estes autores, como vimos acima, qualificam a obra de Amneres como a liberdade “de tudo que pode caber em um rio”. Como a força da correnteza de um “rio”, o “amor” conquista os mais deferentes lugares. Um sentimento “[...] voragem, correnteza, rio” (AMNERES, 2007, p. 109).

2.7 DIÁRIO DA POESIA EM COMBUSTÃO

A partir de um projeto empreendido pela autora em escrever diariamente durante seis meses, de 27 de novembro de 2008 até 27 de maio de 2009, surge, em 2010, a publicação que reúne os poemas produzidos neste período de tempo, *Diário da poesia em combustão*. Embora a publicação surja um ano após ao final do período citado, os textos eram postados diariamente no site: <www.poesiaemtemporeal.com>. O nome de “diário”, se dá por conta da periodicidade das publicações *online*, bem como pelo caráter de suporte textual que o blog empreende. A “combustão”, a nosso ver, remete a efervescência da criação poética efetivada no dia a dia. Assim como uma chama se consome plenamente, um estado de combustão, através de elementos que possam oferecer este estado, carvão, álcool, etc.; a poesia, assumida pela autora nas condições supramencionadas, também se consome, a partir dos elementos que a ela são oferecidos para que este estado se efetive. Por se tratar de um diário, os elementos oferecidos para combustão, em sua grande parte, surgem da experiência circunstancial da

autora. Uma música ouvida no rádio, uma lembrança, leituras, etc. são matéria para que a poesia manter sua chama viva durante o percurso de tempo empreendido.

O livro faz parte de uma coleção intitulada “Oipoema”. Segundo o poeta Luis Turiba, autor que assina a orelha do *Diário da poesia em combustão*, a coleção mencionada tem por objetivo “[...] reunir poetas e poemas de diferentes matizes.” (TURIBA, 2010, s/p) que fazem a cena cultural de Brasília. Além de Amneres, e o próprio Turiba, fazem parte da coleção os autores: Nicolas Behr, Bic Prado, Angélica Torres Lima e Cristiane Sobral.

A apresentação desde *Diário* é produzida pela escritora Ana Maria Lopes. Segundo ela, a poesia de Amneres, neste livro, representa um espaço que “[...] é íntimo e o conteúdo é fortemente emocional. E é com essa carga que a nossa poeta transforma os seus sentimentos em um belo diálogo com a vida.” (LOPES, 2010, p. 5). A combustão da poesia no livro, se dá, assim como afirmou Lopes, pela transformação dos sentimentos, daquilo que está no íntimo, os anseios, as imaginações em criação poética, em palavra viva, que une o circunstancial à obra de arte.

A escrita do livro, pelas suas circunstâncias de composição, é amplamente circunstancial. Compreendemos que esta circunstancialidade imprimiu à obra a diversidade temas e modos formais de abordagens. Como o exercício de construção poética era diário, o sujeito, assim, expressa nas suas criações o que lhe inflama no momento, por isso consideramos válida a posição de Lopes, supramencionada, no que diz respeito a grande carga emotiva que os versos desse livro contém. A exercitação diária da escrita poética de Amneres, a levou a produzir uma poesia que configura da hibridização de formas poéticas. Diferentemente de obras anteriores, ao exemplo de *Eva*, que separava poemas em verso e em prosa, no *Diário*, as aproximações entre essas formas se darão de modo contíguo. Como podemos observar no poema II:

Silêncio de pássaros e cães. Manhã corre apressada, enquanto ouço.
 [Memória, poço de sensações.
 Um beijo e sua mordida, o amor. Gosto de sangue e de fogo.
 Lá fora, tempo viaja, vento solfeja. Ruas e casas barulham, plenas de
 [agora. “Vou-me embora para Pasárgada”, alguma coisa em mim
 [verseja.

Meu quarto é minha Pasárgada,
 esteio, porto do sol,
 fonte de gozo e de mágoa.

Meu quarto é minha parábola,
 reino de espuma onde sou
 meu talismã, minha fábula.

Meu quarto, meu timoneiro,
veleiro singrando as águas
intempestivas da dor.

Meu quarto, minha metáfora,
Nele semeio em canteiros
míticas falas de amor.

(AMNERES, 2010, p. 13)

Como podemos observar, do ponto de vista da forma, aqui temos uma prosa poética, semelhante a uma construção de parágrafos, e, em seguida, uma construção de quatro tercetos. Este tipo de forma textual, na obra, irá ocorrer em outros textos de modo variado, ora seguindo o modelo acima, ora alternando entre parágrafos e estrofes.

No texto supramencionado, quanto à temática, observamos um poema/prosa que transmuta a experiência com a criação poética “[...] alguma coisa em mim verseja.” (AMNERES, 2010), somada à memória de leitura do poema “Pasárgada”, de Manuel Bandeira. Como tínhamos informando anteriormente, a escrita de muitos dos textos compostos neste livro da autora, advém da circunstancialidade de suas leituras, no caso, observamos a relação entre o poema de Bandeira, e este segundo poema do *Diário da poesia em combustão*. Esta semelhança se dá pela designação do eu lírico sobre seu quarto, ao qual, ele o atribui como a Pasárgada de Bandeira. Assim como o ideário da liberdade se presentifica no poema de Bandeira publicado em *Libertinagem*, “Lá a existência é uma aventura” (BANDEIRA, 2005, p. 35), em Amneres, esta liberdade está no desfrute de um ambiente recôndito que guarda as experiências da alma: “Meu quarto é minha Pasárgada, / esteio, porto do sol, / fonte de gozo e de mágoa.” (AMNERES, 2010).

O livro ainda apresenta sonetos, como “XVI: Êxtase”, “CXXVIII: Sobre luz e esperança”, “CXLII: Monotonia”, dentre outros. E, até mesmo, um soneto inglês, escrito nesta mesma língua. Diferente do soneto tradicional ou italiano, o inglês é composto de três quartetos e um dístico.

O *Diário da poesia em combustão* resulta, ao final de sua composição em 180 dias, 146 poemas de variados tipos de formas e temática revelando uma poética que tem por intenção a intimidade com a palavra. Ao se referir sobre este processo de escrita, a autora, em entrevista ao programa Iluminuras na TV Justiça, em 13 de março de 2013, afirma que a proposta do livro surgiu da necessidade de ter uma aproximação maior com a palavra. Sobre isso, na entrevista, declara:

Quanto mais você escreve, mais você se inspira. E aí você ganha intimidade com essa coisa linda que é a língua portuguesa, com as formas de dizer. Você consegue traduzir melhor o seu pensamento, o seu sentimento. E hoje é uma prática que eu adoto. (AMNERES, 2013, s/p).

Desse modo, a escrita do livro se efetiva, sobretudo, pela afirmação supramencionada, acerca das “formas de dizer”. Pois, fica claro no livro, o trabalho empreendido pela autora em manejar o estabelecimento dos modos de apresentação do texto, misturando, em alguns, a prosa e poesia.

2.8 VERBO E CARNE

Em 2014, pela editora 7Letras, surge a coletânea *Verbo e carne*, com o número de 69 poemas. A autora celebra a palavra com uma inventividade que flerta com o poético sinônimo para o que é inefável, aquilo que é irresoluto na alma do sujeito escrevente. Esta inquietação que adensa a dinâmica do dizer poético na dimensão do corpo da palavra e do corpo do poeta presta-se como algo fortuito para o desenvolvimento de uma escritura que no conúbio entre o verbo (a poesia) e a carne (o sujeito escritor/leitor) integram a formação de uma obra que lê o corpo como espaço estriado no qual a completude dos significados são múltiplas e as entradas nesta multiplicidade revela um apontamento para o dizer poético da autora: em excesso, sempre em busca da palavra.

No prefácio, lê-se: “Dizer só o não dito, o inefável elixir, o divino sopro que nos faz amar, crescer, resistir. Esse é o sonho de todos os poetas – penso, e a brisa fresca arrepia os pelos da manhã que exala doce odor de carvalho e umedece os olhos verdes do povir” (AMNERES, 2014, p. 9). Esta mobilização de metáforas marca o estilo da autora que, mesmo na produção de sua prosa aponta na palavra a silhueta poética. O que é inefável, o indescritível, aquilo que se tangencia, é o elemento com o qual se trabalham os poemas neste livro. Assim, para darmos uma apreciação sumária sobre ele, destacamos o poema abaixo que ilustra o percurso escritural da obra:

Verbo e carne

Deita
a cabeça
no colo
do poema
e dorme.
Deixa

que as palavras
te abracem,
te protejam,
te consolem.
Cobre-te
com o manto
substantivo
do amor
que se traduz
em verbo
e se fez carne,
eternamente
a conjugar-se.

(AMNERES, 2014, p. 21)

Observamos que neste poema o conúbio entre a palavra e o corpo se efetiva de maneira contingente. O poema se corporifica, sendo ele o local de repouso, de deleite à razão, no texto focalizada como a cabeça que “deita-se”, ou seja, que cai, que entrega-se ao poder da palavra poética. A afetividade com o qual as palavras abraçam, protegem, consolam e cobrem o suposto corpo desprovido do cuidado de si, demonstra a capacidade de interiorização do poético, em certo sentido apresentando-se como complemento ao sujeito, um lenitivo, algo propício ao equilíbrio. A dinâmica da eternização, vislumbrada principalmente nos últimos versos, demonstra o modo como se compreende a matéria poética e seus efeitos: atravessam o íntimo do sujeito, numa potência de devir, de continuidade, de busca pela palavra com tons poéticos, a exploração da subjetividade, a demonstração dos afetos através do verbo.

3 PALAVRAS FINAIS

O objetivo primordial deste texto foi apresentar sumariamente a poesia de Amneres, fazendo um percurso sobre as obras poéticas publicadas de 1985 até 2014. A razão para tal feito deve-se a construção da fortuna crítica sobre a escritora em foco, atividade que realizamos desde nossa graduação em Letras. Destacamos, a título de informação, o desenvolvimento de dois trabalhos importantes nessa linha de leitura dos poemas da autora: “O rouco silêncio”: o erotismo na poesia de Amneres Santiago” (SOUZA, 2014) e “O gozo pela palavra nas vozes femininas paraibanas: Amneres Santiago e Regina Lyra” (SOUZA, 2017). Estes trabalhos resultaram de leituras sobre os textos da poetisa, cada um observando

particularidades estéticas que giram em torno, sobretudo, da matéria erótica e da criação literária desenvolvida nos metapoemas.

A construção de nosso percurso de leitura sobre esta poesia, tal como ela, está em curso. Empreendemos um feito que tenta acompanhar a produção dos textos da autora, na medida em que suas publicações surgem. Essa tarefa, por si, exige do pesquisador a necessidade de adentrar nas tramas do poético para fornecer seu olhar sobre o que é lido. Como o circuito de produção desses poemas ainda está ativo, uma avaliação mais precisa dos contornos da obra da autora, ao nosso ver, ainda é parcial. O que vislumbramos são linhas de reiteração temática, de motivações estéticas que se repetem, e dentre elas está a metapoesia.

Por fim, consideramos que o processo de produção da fortuna crítica que se apresentou neste texto, contribui para a formação de um olhar analítico à obra da autora, ao mesmo tempo que registra possibilidades de leitura que podem ser reavaliadas, mediante o aprofundamento no estudo da poesia, na metáfora da autora, *em combustão*, em curso.

REFERÊNCIAS

AMNERES. *50 crônicas de Brasília*. Brasília: Verbis Editora, 2012.

AMNERES. *Diário da poesia em combustão*. Brasília: Athalia Gráfica e Editora, 2010.

AMNERES. *Entre elas*. Brasília: Projecto Editorial/Livraria suspensa, 2004.

AMNERES. *Eva*. Trad. Zélia Stein e Daniel Sanches. Brasília: Thesaurus, 2007.

AMNERES. *Iluminuras*: dia da poesia (13/03/2013): entrevista. Brasília: Programa Iluminuras/TV Justiça, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=amfiSa-S0mA>. Acesso em: 15 maio 2014.

AMNERES. *Razão do poema*. Brasília: Tática, 2000.

AMNERES. *Rubi*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

ARAUJO, Rodrigo da Costa. De textos e de paratextos. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, n. 10, ano 9, p. 1-5, seção “Resenhas (1)”, 2010.

ARRUDA, Jerúsia. *Amneres Pereira*: entrevista. Disponível em: <http://jerusiaarruda.blogspot.com.br/2009/03/amneres-pereira.html>. Acesso em: 16 set. 2014.

BACELAR, Jorge. *A poesia visual*. Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar-jorge-poesia-visual.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BEHR, Nicolas. [Orelha de livro]. In: AMNERES. *Eva*. Tradução: Zélia Stein e Daniel Sanches. Brasília: Thesaurus, 2007.

CAGIANO, Ronaldo. [Orelha de livro]. In: AMNERES. *Entre elas*. Brasília: Projecto Editorial/Livraria suspensa, 2004.

CHEROBIN, Nicoletta. Gérard Genete. Paratextos editoriais. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 28, 2011, p. 225-229. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v2n28p225>. Acesso em: 14 ago. 2014.

HORTA, Anderson Braga. [Orelha de livro]. In: AMNERES. *Rubi*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

LOPES, Ana Maria. Apresentação. In: AMNERES. *Diário da poesia em combustão*. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

OLIVEIRA, José Aparecido de. Apresentação: verso e prosa de Amneres. In: PEREIRA, Amneres. *Humaníssima trindade*. Brasília: Edição do autor, 1993.

PEREIRA, Amneres. *Humaníssima trindade*. Edição do autor: Brasília, 1993.

PEREIRA, Bilau. Bilau Pereira. In: PEREIRA, Bilau; ALARCÃO, Nevinho; REIS, Roseane; SANTIAGO, Willian. *EmQuatro*: recital poético. Brasília: Thesaurus, 1985.

STEIN, Zélia. [Quarta-capa]. In: AMNERES. *Eva*. Tradução: Zélia Stein e Daniel Sanches. Brasília: Thesaurus, 2007.

TURIBA, Luis. [Orelha de livro]. In: AMNERES. *Diário da poesia em combustão*. Brasília: Athalia Gráfica e Editora, 2010.